

APOSTA

DOBRADA

NO REAL

GOVERNO ANUNCIA NOVAS MEDIDAS PARA EVITAR DESVALORIZAÇÃO EXCESSIVA DA MOEDA E BRECAR SAÍDA DE DÓLARES DO PAÍS

“Eu tenho a obrigação de defender o real. Não poderia deixar que as reservas continuassem a sair e que o Brasil ficasse sem defesa, para só então tomar providências. Por isso, decidimos hoje que o Banco Central não interviria na cotação do real frente ao dólar. Assim, manteremos as nossas reservas. A alteração da taxa de câmbio afasta a desconfiança em relação à economia e cria as condições para, num segundo momento, baixar as taxas de juros.”

O discurso do presidente Fernando Henrique Cardoso, feito em cadeia nacional de rádio e televisão na sexta-feira à noite, não resistiu por mais do que um fim de semana. Tão logo o mercado financeiro começou a trabalhar na manhã de ontem, ficou claro que a simples liberação do câmbio não faria o milagre de resgatar a confiança dos investidores estrangeiros no Brasil. Seria preciso um pouco mais para frear a insistente saída de dólares do país.

O rumo que as taxas de juros tomariam na realidade foi sinalizado logo cedo pelo próprio Fernando Henrique Cardoso. Na solenidade de inauguração de uma fábrica de automóveis no Paraná, o presidente da República mudou um pouco o tom otimista do discurso de sexta-feira. Com ar solene disse:

“(Os ajustes) devem ser feitos, para que o Brasil se liberte das taxas de juros, e não serão menores se nós não conseguirmos, efetivamente, ajustar as nossas contas. Não há mais desculpa. Não adianta olhar para fora. Agora, é aqui dentro. Agora, é o Congresso Nacional. Agora, é o governo federal. Agora, são os governos estaduais. Agora, é a nossa competência.”

Como o ajuste fiscal anda a passos lentos no Congresso e os gover-

Carlos Moura 29-5-98



Congresso vota pacotinho fiscal na semana passada: está nas mãos dos parlamentares aprovar receitas adicionais

nadores recém-empossados ameaçam não pagar o que devem ao governo federal, o jeito foi, mais uma vez, mexer nos juros. Numa reunião feita às pressas no fim da tarde de ontem, o Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central decidiu abaixar um pouco mais o piso dos juros (a Taxa Básica do Banco Central — TBC) e aumentar o teto (a Taxa de Assistência do Banco Central — Tban). (Ver detalhes na próxima página).

Na prática, porém, os juros irão mesmo para o alto, piorando a situação de quem está devendo no

cheque especial e no cartão de crédito. A intenção do governo com essa medida inesperada é tentar mais uma vez interromper a fuga de dólares do país. Até as 20h de ontem, os bancos registraram a saída de US\$ 282 milhões. Mas no meio da noite rumores davam conta da saída de US\$ 900 milhões. Esse número foi o suficiente para fazer o Banco Central antecipar a reunião do Copom do dia 27 para ontem.

Antes do governo decidir pelo aumento dos juros, os investidores retornaram faceiros para as bolsas de valores. O mundo inteiro reagiu de

forma muito favorável à decisão do governo de liberar a cotação do dólar. No Brasil a situação não foi diferente e o mercado de ações, que havia subido mais de 33% na sexta-feira, voltou a fechar em alta (Página 4).

Mas os efeitos da desvalorização do real serão logo sentidos. Na padaria onde o presidente Fernando Henrique Cardoso comemorou os quatro anos do Real, o cafezinho e o pão com manteiga ficarão mais caros. Indefinido mesmo só o repasse do aumento de custo para as contas de energia elétrica e os combustíveis (Página 6).